

RUBEM BRAGA

MÁRIO M. MELO

ESCREVO no dia 18; Manuel Bandeira está fazendo anos hoje. Pelo vulto e valor de sua obra e pela dignidade exemplar de sua vida, ele é agora, e há muito, a figura máxima da literatura brasileira. Ocupa, em nosso mundo de escribas, aquela tácita Presidência de Honra que, em seu tempo, coube a Machado de Assis. E, como o velho Machado, ele chegou a esse posto sem atropelar ninguém, sem disputar coisa alguma. Continua o mais simples e cordial dos homens, e estou certo de que não perdeu nada de seu bom humor com a história do busto.

A história do busto é uma graça. Alguém teve a idéia de botar um busto de Bandeira em uma rua do Recife, sua terra natal. Todo mundo, naturalmente, aprovou a idéia; mas aí apareceu o Mário Melo. Meus leitores de Pernambuco sabem quem é; direi aos do Sul que é um velho e operoso historiador, medíocre e rezingão, que à força de frequentar o passado acabou ficando por lá. Mário Melo implicou com a idéia do busto e desencavou não sei que lei ou portaria local que proíbe a colocação de bustos de pessoas vivas na praça pública. Está visto que o dispositivo era para defender as ruas contra os «puxas» empenhados em bustificar os poderosos do dia; uma coisa até simpática, mas que nada tem a ver com a homenagem a um grande poeta. Mas acontece que Mário Melo se agarra na sua lei, e empata a homenagem. E exulta, o chicarro.

Que fazer? Creio que o melhor é erigir um busto do Mário Melo, com uma inscrição que diga assim, para espanto dos pósteros: «Eu sou o busto do Mário Melo, que impediu a inauguração de um busto de Manuel Bandeira em sua cidade natal».

O leitor dirá que não pode ser, a lei não deixa: Mário Melo está vivo. Então que se vote uma lei considerando o Mário Melo múmia. Quero ver ele provar o contrário!

19.4.58